

PRN procura adesão de nomes, não de partidos

por Claudio Kuck
de Brasília

O Partido da Reconstrução Nacional (PRN), organizado no começo do ano por Fernando Collor de Mello a partir do pequeno Partido da Juventude (PJ), sem nunca ter participado antes de qualquer eleição, implodiu os gigantes PMDB e PFL com diretórios espalhados por todo o País, dando 20 milhões de votos ao ex-governador de Alagoas.

E com base neste fenômeno eleitoral que a assessoria da campanha de Collor não está interessada em apoios formais dos chamados "grandes partidos" como os próprios PMDB e PFL ou do PDS. "O que precisamos é dar mais densidade ao entorno", repete sempre o candidato, que deseja com isso conseguir a adesão de nomes expressivos do PSDB como o senador Fernando Henrique Cardoso e o deputado José Serra.

O próprio coordenador político da campanha, deputado Renan Calheiros (PRN-AL), reconhece a falta de quadros do pequeno PRN e a necessidade de ampliá-lo na direção da centro-esquerda. Ele é o representante considerado mais "progressista" entre os 22 deputados federais e dois senadores que compõem a bancada oficial do partido, tendo sido eleito pelo PMDB com o apoio do PC do B, com um curto voo entre os "tucanos" do PSDB, até pousar no emergente PRN junto com Collor.

Entre os parlamentares do PRN, cinco deles foram da antiga Arena, outros nove vieram do PDS, e pelo menos 15 deles militaram ativamente no chamado

"Centrão" durante a Assembleia Nacional Constituinte, obtendo notas baixas no livro "Quem foi Quem na Constituinte", editado pelo Departamento Intersindical de Apoio Parlamentar (DIAP), que se baseou no voto de cada um nas principais questões trabalhistas na nova Carta. Ironicamente, o então governador de Alagoas foi um dos financiadores da edição da obra do DIAP, que contribuiu para fazer naufragar a candidatura do deputado Afif Domingos, que recebeu nota zero.

O PRN tem filiados apenas dois senadores: João Castelo, no Maranhão, e o candidato a vice na chapa de Collor, Itamar Franco, de Minas Gerais. O único governador é Moacir Andrade, que assumiu em Alagoas após a renúncia de Collor para candidatar-se.

No primeiro turno das eleições, o PRN teve um apoio suprapartidário inexpressivo, limitando-se aos governadores Amazonino Mendes, do Amazonas; Tarcísio Burity, da Paraíba; e Siqueira Campos, de Tocantins. Entre os prefeitos das capitais, sua força se limitou a Saide Xerfan, em Belém; Espiridião Amin, em Florianópolis (onde perdeu para Leonel Brizola); Joaquim Francisco, no Recife; e Lúdio Coelho, em Campo Grande. No Rio Grande do Sul, foi apoiado pelo senador Carlos Chiarelli.

O PRN teve ainda o apoio de dois partidos praticamente inexistentes o — PTR e o PSC —, que entretanto foram fundamentais na arrancada de Collor rumo ao primeiro lugar nas pesquisas, ao lhe ceder seus horários na televisão a 30 de março e 17 de maio.